

## **O AMBIENTE CULTURAL DO ALUNO DO PEDRO II: A CULTURA MEDIANDO OS EFEITOS DE ORIGEM SOCIAL E GÊNERO SOBRE AS NOTAS ESCOLARES**

### **7.1. Focalizando a cultura**

Nas análises empíricas desenvolvidas até aqui mostro que classe social e gênero são relevantes para a explicação do desempenho escolar (embora, no nível do 2º grau, o destaque seja quase exclusivo para o fator gênero). Essas análises constituem apenas o primeiro passo para a sustentação das propostas teóricas relacionadas à teoria do capital cultural. Um teste empírico dessas propostas exige que se focalize a cultura a que se procure responder à indagação: é através de mecanismos culturais que se estabelecem as diferenças observadas de classe e gênero sobre o desempenho escolar? Em outras palavras, a teoria sugere que se analise o papel mediador da cultura na transmissão de privilégios de classe e na criação de situação de gênero. É com esse objetivo que desenvolvo este capítulo.

Inicialmente identifico e justifico as medidas relativas a cultura aqui utilizadas. Em seguida, descrevendo essas medidas, procuro uma caracterização geral do ambiente cultural do aluno. A partir dessa identificação e descrição, os aspectos culturais são incluídos em novas análises. Se antes mostrei que classe e gênero condicionam o desempenho escolar, posso agora verificar se esses fatores sociais determinam diferenças de investimento cultural. E, finalmente, como última etapa de análise, considerando um conjunto as influências de classe, gênero e cultura sobre o desempenho escolar, posso detectar se a cultura é um aspecto relevante para o desempenho e se ela se revela como fator interveniente das relações anteriormente observadas de classe e gênero sobre o desempenho escolar.

## 7.2. Principais medidas relativas ao ambiente cultural

Na análise do ambiente cultural do aluno do Pedro II focalizo principalmente dois aspectos: **1)** o acesso do aluno a informação relacionadas à cultura legítima; **2)** sua autonomia (*self-direction*). Esses dois aspectos são dimensões destacadas do conceito de capital cultural conforme abordado no capítulo 4. Também incluo nesta análise um indicador de hábito ou rotina de vida devido à relevância deste fator em estudos recentes sobre desempenho escolar, conforme abordado no capítulo 3.

Segundo a teoria de Bourdieu, o gosto, as informações e as atividades relacionadas à literatura e às artes, além de constituir um *habitus* próprio da classe dominante (pois é essa classe que teria propensão para as artes em geral), esse envolvimento com a cultura considerada legítima teria valor estratégico por garantir acesso a outros recursos. Um dos ambientes em que esse valor estratégico mais se destaca é na escola, contribuindo para o desempenho do aluno. Esse "capital cultural" que não faz parte do currículo explícito seria valorizado pela instituição e pelo professor refletindo-se nos resultados escolares.

O interesse e o envolvimento com a cultura erudita seria também um reflexo das condições do gênero. O próprio trabalho de Bourdieu e diversos estudos empíricos têm destacado o maior interesse, envolvimento e aptidão das mulheres pelas áreas humanísticas.<sup>43</sup> A literatura empírica também levanta questões sobre o papel diferenciado do capital cultural para homens e mulheres: as estratégias familiares com relação ao investimento em cultura seriam diferentes para os dois grupos de gênero e, além disso, os efeitos desse investimento em cultura poderiam divergir para homens e mulheres (DIMAGGIO, 82; ROBINSON e GARNIER, 85).

As medidas utilizadas neste estudo para caracterizar o acesso à cultura legítima são: gosto e hábito relacionado à leitura, às artes plásticas e à música erudita. Também o estudo de língua estrangeira fora do Colégio é considerado uma estratégia familiar e individual na

---

<sup>43</sup> Na análise do Pedro II já foi detectada a superioridade das mulheres em português e história, o que sugere sua habilidade e investimento nessas áreas humanísticas.

área cultural. A auto-avaliação do aluno como pessoa culta é igualmente utilizada como indicador de envolvimento com a cultura legítima; é a auto-imagem deste envolvimento.<sup>44</sup>

A atitude do aluno com relação à autonomia é um outro aspecto do capital cultural destacado para análise. Na discussão do *habitus* de classe, conforme abordado no capítulo 4, Bourdieu considera que entre os membros da classe trabalhadora predominaria a aceitação da autoridade, a humildade e aquiescência nas relações sociais, atitudes essas que representam um ajuste da personalidade às condições objetivas de classe. O oposto lógico do conformismo, a autonomia é considerada por MELVIN KOHN (69) como um valor enfatizado pelas classes mais altas; como um preparo necessário à flexibilidade intelectual exigidas nas situações imprevistas que acompanham as posições de mando. Se a teoria de Bourdieu permite que se inclua o conformismo versus autonomia como um aspecto do capital cultural, é sobretudo a Kohn que se atribui o uso e a mensuração deste conceito. Esse autor analisa a autonomia como orientação psicológica diante de figuras que simbolizam a autoridade, como a figura paterna. Também se detém Kohn num aspecto específico do conceito aplicado à situação escolar: a autonomia educacional. Esse tipo de autonomia se expressaria no interesse do aluno por atividades complexas e pelo uso de iniciativa e reflexão nas tarefas escolares. É a flexibilidade intelectual se delineando na escola pela maneira com que o aluno lida com a informação didática.

A autonomia também tem sido associada, embora de maneira ambígua, a situações de gênero. O *habitus* do gênero feminino implica em aquiescência à autoridade, como um ajuste da personalidade às experiências objetivas ligadas à subordinação da mulher na sociedade. A própria "energia escolar" das meninas, i.e., o seu melhor desempenho, conforme abordado no capítulo 5, tem sido atribuída à maior facilidade de adaptação da mulher à situação escolar, onde a obediência e a disciplina são valorizadas. A expectativa, portanto, da teoria sobre gênero é a de que as mulheres apresentem maior conformidade (ou menos autonomia) nas suas relações com as figuras que representem a autoridade. Alguns autores (Terrail, 1992), entretanto, reagem à idéia de atribuir o sucesso escolar das mulheres à mera

---

<sup>44</sup> Questões nº 12 a 16 e 19 a 24 do questionário anexo.

submissão feminina. Esse sucesso poderia advir de novas atitudes e valores, assim como de um redirecionamento da cultura de gênero, uma orientação no sentido de garantir vantagens educacionais.

Com relação ao que denominamos de "autonomia educacional" a teoria e a pesquisa também geram expectativas contraditórias com relação à questão do gênero. Como um conceito vinculado à autonomia de um modo geral, a autonomia educacional seria menor entre as mulheres. Entretanto, a receptividade ao trabalho escolar mais complexo e criativo, inclusive as medidas aqui consideradas, podem ser conceitualmente vinculadas às áreas humanísticas, onde as mulheres tipicamente sobressaem. Essas contradições reforçam o interesse pelo conceito de autonomia como um fator interveniente entre a situação do gênero e o desempenho escolar.

Para medir a autonomia na interação com a autoridade considero a importância que o aluno dá à obediência aos pais como um valor na educação. A autonomia educacional é dimensionada por questões que verificam a preferência por provas discursivas (em oposição a provas de múltipla escolha) e o gosto que o aluno demonstra por redação.<sup>45</sup> Através destas questões procuro captar a receptividade do aluno diante da oportunidade de organizar e produzir informações de forma independente e criativa na escola.

Um último conceito aqui considerado para caracterizar o ambiente cultural do aluno refere-se à rotina de vida favorável ao estudo. Destacado na literatura como decisivo para o desempenho escolar, esse conceito também tem sido associado a classe social e a gênero. Alguns estudos apontam esse aspecto como mediador da condição de classe, podendo, como tal, ser considerado um componente do *habitus* de classe (MERCY & STEELMAN, 82; KATSILLIS, 90). Outros estudos, entretanto, sugerem que rotinas de vida podem se associar a outros aspectos psico-sociais ou étnicos-culturais e justamente, por se mostrarem desvinculados da origem social, constituir-se-iam em importante mecanismo de mobilidade social (ASTONE et alii, 91; CAPLAN et alii, 92).

---

45 Questão 44 (autonomia na relação com os pais) e questões 23 e 30 (autonomia educacional) do questionário anexo.

A medida utilizada aqui para indicar uma rotina de vida favorável ou desfavorável ao desempenho escolar baseia-se nas outras atividades em que o aluno se envolve fora da escola, sem considerar as aulas de línguas estrangeiras.<sup>46</sup> Pressupõe-se que essas outras atividades competem com o tempo disponível para o estudo. E esse pressuposto é reforçado pela descrição do conteúdo dessas atividades, como será feito no próximo ítem.

### 7.3. Descrição do ambiente cultural do aluno

Ao descrever o ambiente cultural do aluno, sigo simultaneamente dois objetivos que, de certa forma, se antepõem. Um objetivo é identificar características predominantes entre os alunos que permitam formar um perfil geral do ambiente cultural em questão. O outro objetivo, entretanto, é validar a seleção de variáveis que serão incluídas em análises posteriores. Esse outro objetivo implica que haja divergência nas respostas indicando a presença, não de um perfil comum aos alunos, mas de ambientes culturais distintos no Colégio.

Em alguns aspectos da participação na cultura de prestígio e da autonomia, o aluno do Pedro II indica possuir níveis relativamente elevados de capital cultural. O gosto pela leitura e a leitura como atividade espontânea apresentam resultados expressivos, conforme indica a tabela 7.1.

*Tabela 7.1*  
*Gosto e Envolvimento com a Leitura*

| Gosto pela leitura (Q.15) | Leu espontaneamente (Q.16) |
|---------------------------|----------------------------|
| Não ou Pouco 48,7%        | Não 36,4%                  |
| Bastante ou Muito 51,3%   | Sim 63,6%                  |
| N = 380                   | N = 379                    |

Está acima evidenciado que mais da metade dos alunos diz ter bastante ou muito gosto pela leitura, sendo que uma grande maioria efetivamente leu espontaneamente, um ou mais

<sup>46</sup> Questão nº 24 do questionário anexo.

livros por iniciativa própria num período de seis meses.<sup>47</sup>

Apesar de absorver alunos com extração social modesta, conforme analisado no capítulo anterior, é também considerável, embora minoritário, o número de alunos que frequenta aulas de línguas fora do Colégio.<sup>48</sup> Igualmente, provavelmente como resultado de uma conscientização da sua posição de destaque em relação ao alunado do estado, o estudante do Pedro II tende a se auto-avaliar como pessoa culta. A tabela 7.2 apresenta os números referentes a esses dois indicadores de participação na cultura legítima.

**Tabela 7.2**  
***Frequência à Aula de Línguas Estrangeiras e Auto-Imagem de Envolvimento com a Cultura Legítima***

|                          |                          |
|--------------------------|--------------------------|
| A aula de línguas (Q.23) | Auto-imagem culta (Q.48) |
| Não 56,0%                | Discorda 24,3%           |
| Sim 43,0%                | Concorda 75,7%           |
| N = 379                  | N = 379                  |

O aluno do Pedro II também apresenta níveis aparentemente elevados de autonomia educacional. Uma grande proporção das respostas indica preferência por questões abertas e discursivas nas provas e mais da metade dos alunos mostra um sentimento positivo em relação a redação:

**Tabela 7.3**  
***Autonomia Educacional***

| Tipo de prova preferida (Q.29) | Sentimento em relação a redação (Q.30) |
|--------------------------------|--|
| Múltipla escolha 35,2%         | Negativo ou Neutro 48,6%               |
| Discursiva 64,8%               | Positivo 51,5%                         |
| N = 378                        | N = 379                                |

O quadro bastante favorável que emerge dos conceitos descritos até agora não é sustentado quando outros aspectos da cultura e da autonomia são considerados. O estudante do Pedro II demonstra interesse reduzido por outras áreas artísticas. De um modo geral,

<sup>47</sup> 76,2% da literatura lida está entre best seller de bom nível, boa literatura e autores clássicos segundo classificação de crítico literário.

<sup>48</sup> A língua estudada por 92,0% dos alunos é o Inglês.

indica pouco ou nenhum interesse por artes plásticas (69,5%), apenas uma pequena proporção é capaz de mencionar pintores de sua preferência (28%) e quando o fazem a seleção dos artistas é concentrada em poucos nomes (em 57,4% das respostas o artista mencionado como preferido é Da Vinci ou Picasso). Esses resultados sugerem que a população estudada teve acesso limitado a certas áreas da cultura legítima. Seguindo esse mesmo padrão de desinformação e baixo envolvimento com as artes, também é pequena a frequência a museus e teatro. Do mesmo modo, é baixa a preferência por música erudita: menos de 1% dos alunos menciona um compositor clássico como o preferido. E igualmente é pouco frequente a sua participação em shows de música e concertos.<sup>49</sup>

Assim como os últimos indicadores acima sugerem um baixo nível de participação na cultura de prestígio, também o indicador de autonomia na relação com a autoridade mostra um alto grau de conformismo (ou baixo grau de autonomia) entre os alunos. Solicitado a concordar ou discordar da frase: "a coisa mais importante a ensinar aos filhos é a obediência aos pais", o estudante tende a aprová-la.

**Tabela 7.4**  
***Autonomia nas Relações Sociais***

|   |       |
|---|-------|
| Discordam de Obediência aos Pais como o Maior Valor na Educação<br>(Q.44) |       |
| Discordam   | 38,4% |
| Concordam   | 61,6% |
| N = 380   |       |

A caracterização do ambiente cultural do aluno do Pedro II encerra-se aqui com uma medida de rotina de vida favorável ao estudo.

A participação do aluno em outras atividades fora da escola, além da aula de línguas, é utilizada, conforme já mencionei, como um indicador de rotina de vida desfavorável ao estudo. A tabela a seguir mostra o percentual de alunos envolvidos nessas outras atividades e como elas se classificam.

---

<sup>49</sup> Entre 70 a 80% dos alunos não foram a teatro, museus e a shows de música no período mencionado.

**Tabela 7.5**  
**Outras Atividades Fora da Escola**  
**(Q.35)**

| Outras atividades |       | Tipo de outras atividades |       |
|-------------------|-------|---------------------------|-------|
| Não               | 51,6% | Esportiva                 | 63,8% |
| Sim               | 48,4% | Outras                    | 36,2% |
| N = 380           |       | N = 174                   |       |

Os resultados obtidos reforçam o pressuposto de que essas atividades representam um emprego do tempo que não favorece as tarefas escolares pois essas atividades são sobretudo atividades esportivas. Assim, reduzem o tempo que o aluno pode dedicar aos deveres e não contribuem para aumentar o estoque de informação ligadas à cultura de prestígio.

Procurando uma síntese do perfil cultural do aluno poderia concluir que há um certo esforço individual/familiar para garantir o acesso a uma cultura socialmente valorizada (especialmente representado pelo hábito da leitura). Além disso, o aluno demonstra estar relativamente bem preparado para lidar, de uma forma livre e criativa, com a informação escolar (é o que sugerem os indicadores de autonomia educacional). Entretanto, o baixo interesse, a pouca informação e o reduzido envolvimento em outros setores das artes (artes plásticas, teatro e música erudita) indicam que um certo grau de antiesteticismo também está presente nesta população, sugerindo nítidas limitações com relação à aquisição de um "capital informacional" que se transforme num recurso social. O alto grau de conformismo observado através da aquiescência à autoridade paterna expressaria, da mesma forma, o pouco preparo para o exercício de atividades mais altas da hierarquia ocupacional. Em conjunto, alienação artística e conformismo parecem formar um *habitus* que se amolda às condições sócio-econômicas do aluno do Pedro II. Isto é, um perfil cultural adaptado às características e perspectivas de uma extração social relativamente baixa que predomina junto à população estudada, conforme analisado no capítulo anterior.

Apesar de procurar traçar o perfil predominante do aluno, observo, com relação a diversos conceitos destacados, variação de resposta suficiente para que possa indagar sobre a convivência, na escola, de ambientes culturais diversificados. Os aspectos apontados como positivos não descrevem a população como um todo: há um número considerável de não



leitores e de alunos que não apresentam autonomia educacional. Se a pouca informação e o pouco envolvimento em atividades artísticas e musicais levou ao descarte desses indicadores em análises subsequentes, o mesmo não ocorre com relação a autonomia na interação com a autoridade: uma quantidade razoável de estudantes reage à obediência à autoridade como valor máximo na educação. No ítem que se segue procuro observar se a variação com relação a essas medidas referentes ao ambiente cultural do aluno acompanham as variações do seu perfil sócio-econômico e do seu gênero.

#### 7.4. A relação entre origem social, gênero e cultura

A análise da relação entre as variáveis exógenas aqui consideradas (origem social e gênero) e as características culturais que acabo de destacar é a segunda etapa necessária a um teste empírico da teoria do capital cultural; é preciso mostrar que essas características variam seguindo variações da origem social e/ou das categorias de gênero. Somente assim poderei prosseguir com a idéia de que existem *habitus* ou "culturas" específicas às diferentes classes ou aos gêneros. A tabela 7.5 apresenta uma análise do impacto dos indicadores de origem social e do gênero sobre cada uma das características culturais descritas no ítem anterior.<sup>50</sup>

**Tabela 7.6**  
**Impacto de Origem Social e do Gênero sobre Características Culturais:**  
**Regressões Logísticas**

|                       | Ocupação<br>Pai | Educação<br>Pai | Educação<br>Mãe | Mulher   | N   |
|-----------------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------|-----|
|                       | B               | B               | B               | B        |     |
| Leitura gosta         | -0,00           | -0,01           | 0,00            | ** 0,72  | 354 |
| Leu                   | 0,00            | -0,05           | 0,11            | ** 1,13  | 353 |
| Culta                 | -0,02           | 0,01            | 0,03            | -0,30    | 353 |
| Lingua fora           | -0,00           | * 0,10          | * 0,08          | ** 0,82  | 353 |
| Outra atividade       | -0,00           | 0,01            | * 0,09          | ** -0,69 | 350 |
| Discursiva            | 0,01            | -0,04           | 0,06            | ** 1,10  | 352 |
| Redação               | 0,01            | -0,00           | 0,00            | ** 0,76  | 353 |
| Obediência (discorda) | -0,01           | 0,03            | 0,01            | * 0,48   | 354 |

\* prob < 0,05; \*\* prob < 0,01

<sup>50</sup> Nesta análise foi aplicado o modelo logístico já utilizado no capítulo 5 e especificado na nota 9 do mesmo capítulo. Os coeficientes foram obtidos através do programa DREG do pacote estatístico OSIRIS.IV.

A tabela acima indica que a origem social do aluno não exerce influência destacada sobre as características culturais consideradas; essa influência é verificada apenas na participação em aula de línguas e outras atividades extra-escolares. E mesmo para essas atividades o impacto da origem social, através da educação do pai e/ou da mãe, não se mostra substancial.<sup>51</sup> Já o impacto do fator gênero sobre as dimensões culturais aparece de forma nítida e contundente.

O maior envolvimento das meninas com a cultura de prestígio é notório: pertencer ao gênero feminino favorece o gosto e o hábito de leitura, assim como a participação em aulas de línguas. Curiosamente, entretanto, as mulheres não se auto-avaliam como mais cultas, única variável cultural que não mostra relação ao fator gênero. Isto significa que falta às mulheres a consciência do investimento diferenciado que fazem na área cultural.

Com relação aos indicadores de autonomia verifico, novamente, resultados favoráveis ao gênero feminino. Contrariamente às expectativas relativas ao *habitus* de gênero, as mulheres mostram-se mais autônomas na interação com a autoridade, i.e., indicam menos disposição do que os meninos para aceitar a submissão aos pais como um valor educacional. Esses resultados levantam dúvidas à idéia, amplamente difundida na literatura educacional, de que a aquiescência feminina estaria por trás do seu sucesso escolar. As meninas apresentam também maior autonomia educacional, i.e., sentimento mais favorável com relação a redação e a provas discursivas. Esses diferenciais de gênero coadunam-se, conforme observado anteriormente, com o maior interesse das mulheres pelas áreas humanísticas mas, porém, contradizem a expectativa de menor preparo para o trabalho independente e criativo que seria característico da cultura feminina.

Finalmente, no que diz respeito ao envolvimento em outras atividades fora da escola, o que é tomado aqui como um indicador de uma rotina de vida desfavorável ao estudo, as meninas também apresentam melhores resultados. Elas estão menos envolvidas nessas

---

<sup>51</sup> o valor dos coeficientes e o seu nível de significância atestam o pouco destaque deste efeito. Além disso, a educação da mãe favorece o envolvimento em outras atividades, i.e., a origem social contribui para uma rotina de vida aqui considerada desfavorável ao desempenho.

outras atividades que são sobretudo esportivas que competem com o tempo disponível para o estudo e com o investimento cultural.<sup>52</sup>

Em suma, os indicadores culturais que foram extraídos da teoria do capital cultural e, portanto, em princípio relacionados a classe social, mostram-se, no ambiente em questão, mais relacionados a situação de gênero do que a situação de classe. Ou seja, o gênero feminino tende a sobressair nos indicadores culturais que, também teoricamente relacionados à origem social, contribuiriam para o desempenho escolar. O padrão que foi observado anteriormente na análise da relação da origem social e do gênero do aluno com o seu desempenho escolar reaparece, portanto, quando procuro explicar a cultura: no nível do 2º grau, no Colégio Pedro II, os efeitos da origem social são tênues enquanto o fator gênero se destaca como variável exógena explicativa das diferenças culturais.

Como última etapa da análise dos dados procuro, no próximo item, verificar se esses fatores culturais ajudam, de fato, a explicar o sucesso escolar e se é através desses fatores culturais que operam as diferenças observadas de origem social e gênero no desempenho disciplinar.

### **7.5. A mediação da cultura nos efeitos de origem social e gênero sobre o desempenho escolar**

Como etapa decisiva do teste do modelo teórico aqui proposto, que destaca a intermediação da cultura nos efeitos de origem social e gênero sobre o desempenho escolar, considero em conjunto o impacto dos fatores exógenos (origem sócio-econômica e gênero) e culturais sobre as notas obtidas nas quatro disciplinas selecionadas e na sua média. Essa análise me permite verificar se as variáveis culturais aqui incluídas ajudam a explicar as notas escolares e, também, se essas variáveis funcionam como mecanismo de transmissão de privilégios de classe e, sobretudo, como mecanismo da criação de diferenças de gênero.

---

<sup>52</sup> O menor envolvimento das mulheres em "outras atividades" é observado pelo valor negativo do coeficiente b, significativo ao nível de  $p < 0,01$ .

A tabela 7.7 apresenta regressões múltiplas dos fatores acima mencionados sobre os resultados escolares:

**Tabela 7.7**  
**Origem Social, Gênero e Cultura no Desempenho Escolar:**  
**Regressões Múltiplas**

| Determinantes Sócio-Culturais | Português | História | Matemática | Biologia | Média    |
|-------------------------------|-----------|----------|------------|----------|----------|
|                               | B         | B        | B          | B        | B        |
| Ocupação Pai                  | ** 0,18   | -0,01    | 0,01       | 0,03     | 0,05     |
| Educação Pai                  | -0,23     | 0,24     | 0,32       | 0,02     | 0,16     |
| Educação Mãe                  | 0,17      | 0,01     | 0,01       | -0,25    | -0,11    |
| Mulher                        | ** 5,67   | -0,04    | -3,21      | -3,92    | -0,50    |
| Leitura gosta                 | 2,37      | * 4,67   | 1,94       | -0,03    | 2,11     |
| Leu                           | 0,43      | 2,66     | -0,26      | 1,74     | 1,19     |
| Culta                         | ** 4,54   | -0,77    | 4,20       | 3,83     | 2,82     |
| Lingua fora                   | * 3,84    | * 4,48   | 1,18       | 1,68     | 2,67     |
| Outra atividade               | -1,63     | ** -3,23 | ** -5,81   | * -4,48  | ** -3,87 |
| Discursiva                    | 0,30      | * 5,29   | ** 8,57    | ** 7,32  | ** 5,47  |
| Redação                       | * 2,97    | 3,74     | 1,06       | 1,53     | 2,38     |
| Obediência (discorda)         | ** 4,16   | * 3,98   | 1,52       | 1,16     | * 2,73   |
| R múltiplo                    | ** 0,43   | ** 0,37  | ** 0,27    | ** 0,29  | ** 0,39  |
| N                             | 344       | 344      | 342        | 341      | 341      |

\* prob < 0,05; \*\* prob < 0,01

Observando inicialmente as disciplinas em conjunto verifico que os diversos fatores culturais incluídos na análise contribuem com uma boa parcela da explicação do desempenho. Esta contribuição é detectada pela comparação dos resultados desta tabela com os da tabela 6.8, do capítulo anterior, quando apenas origem social e gênero são considerados na explicação das notas obtidas.<sup>53</sup>

A análise de cada uma das disciplinas isoladamente indica que o impacto da cultura se processa de forma diferente nas diferentes áreas de ensino. Detendo-me na disciplina de Português, verifico que quatro das variáveis culturais consideradas são significativas para o desempenho nesta matéria: a participação em aula de línguas, a auto-avaliação do aluno como participante dessa cultura, uma postura autônoma nas relações com a autoridade e o gosto por redação. É interessante observar que a autonomia como orientação geral - na relação com os pais - mostra-se ainda mais relevante do que um aspecto específico da autonomia educacional que estaria mais diretamente vinculado a essa área disciplinar - o gosto por

<sup>53</sup>

A contribuição dos fatores culturais se observa pela elevação dos R múltiplos de cada disciplina e da média, quando as tabelas 6.8 e 7.7 são confrontadas.

redação - embora esse aspecto também se mostre significativo para os resultados nesta matéria.

Uma vez destacados os fatores culturais relevantes para o desempenho em Português, interessa observar se é através desses fatores que operam as diferenças de origem social e gênero. Confrontando os resultados desta tabela com as da tabela 6.8, verifico que o peso da origem social sobre o desempenho em português permanece equivalente, um resultado até certo ponto esperado devido à inexistência de relação entre a ocupação do pai e os aspectos culturais selecionados, conforme já analisado.

Portanto, no ambiente em estudo, ao nível do 2º grau, não parece ser através da cultura que os pais transmitem vantagens aos filhos, isto na única área disciplinar em que as diferenças de origem social ainda mostram algum impacto sobre o desempenho. Com relação a gênero, entretanto, há que considerar as diferenças em Português entre as tabelas 6.8 e 7.7. Essas diferenças sugerem que o impacto do gênero ocorre parcialmente através de fatores culturais. Ou seja, é investindo em aula de línguas, gostando de redação e tendo uma orientação geral mais autônoma, que a mulher obtém parte das suas vantagens em português. Entretanto, esses aspectos culturais não explicam todas as diferenças de gênero que poderiam também estar situadas no terreno das habilidades intrínsecas.<sup>54</sup>

Os resultados da tabela 7.7 para a área de História apresentam semelhanças com os resultados que acabo de analisar para a área de Português. Também aqui diversos fatores ligados ao acesso à cultura legítima e à autonomia mostram-se significativos na explicação de desempenho, sugerindo que para o sucesso nessas áreas humanísticas é relevante o investimento que o aluno faz fora do ambiente escolar, assim como de uma autonomia que favoreça a sua flexibilidade intelectual. De uma matéria para outra há, entretanto, alguns deslocamentos nas dimensões culturais relevantes. Para essa última área disciplinar parece importar além do gosto pela leitura, a capacidade de organizar a informação didática de forma

---

<sup>54</sup> A comparação entre as tabelas 6.8 e 7.7 para Português mostra que os valores de b correspondentes à ocupação do pai são equivalentes nas duas tabelas indicando que não há interveniência dos fatores culturais aqui considerados. Já os valores de b relativos a gênero sofrem redução de uma tabela para outra (de 8,03 para 5,67), mostrando que a cultura contribui para a explicação das diferenças de gênero.

independente (opção por prova discursiva) e a disciplina de estudo (menos atividades fora), o que teria explicação na necessidade de armazenamento e organização de informação envolvida na matéria. Já para o Português parece contar mais o gosto pelo próprio conteúdo disciplinar e pela oportunidade que este oferece para a produção autônoma de informações (gosto por redação).

Conforme mostrou a tabela 6.8 no capítulo anterior, em História não se observa qualquer efeito da origem social do aluno sobre o seu desempenho escolar. Portanto, o próximo passo da análise é verificar se é através dos fatores culturais aqui destacados que se explicam as diferenças de gênero sobre o desempenho nesta disciplina. Novamente comparando a tabela 7.7 com a tabela 6.8, verifica-se que o desempenho superior das mulheres em história explica-se totalmente através dos indicadores culturais: é através de investimento em cultura, de uma postura autônoma e de uma rotina de vida favorável que as mulheres garantem o seu destaque em História.<sup>55</sup> Essas constatações dão suporte à hipótese de que as conquistas femininas se prendem a uma cultura de gênero que não reflete apenas a sua situação submissa mas inclui também novos valores e atitudes.

A análise da tabela 7.7 para as disciplinas consideradas mais exatas - Matemática e Biologia - indica que nestas áreas apenas dois aspectos da cultura são relevantes para o desempenho escolar: um indicador de autonomia educacional (gosto por prova discursiva) e o indicador de rotina de vida favorável ao estudo (menor envolvimento em outras atividades). Embora outros aspectos da cultura não se mostrem significativos para o desempenho nessas áreas, a contribuição desses dois fatores mencionados é digna de nota.<sup>56</sup> O indicador referente à autonomia educacional adquire especial destaque, sugerindo que o sucesso nas áreas exatas depende de um aspecto que seria em princípio vinculado ao sucesso nas áreas humanas. Ou seja, o bom desempenho parece exigir, de um modo geral, uma postura autônoma e flexível diante da informação escolar. Nas áreas exatas também

---

<sup>55</sup> O valor de *b* relativo a mulher que era de 5,23 ( $p < 0,01$ ) na tabela 6.8 passa a -0,04 na tabela 7.7, indicando que o efeito de gênero ocorre através das variáveis culturais consideradas.

<sup>56</sup> O valor do coeficiente *b*, sua significância estatística e o valor do *R* múltiplo mostram a importância desses fatores culturais para o desempenho nas áreas exatas.

sobressai, ainda mais do que nas áreas humanísticas, o envolvimento em outras atividades fora da escola como um aspecto da cultura familiar que deprecia o desempenho. Possivelmente, para as áreas exatas é ainda mais relevante que o aluno apresente uma rotina de vida favorável ao cumprimento das tarefas escolares.

Embora não tenha sido observada qualquer influência da origem social e do gênero sobre o desempenho nas ciências exatas e, portanto, não pretenda analisar o papel da cultura como mediador da influência desses fatores exógenos, é interessante observar as alterações dos resultados referentes a gênero quando o efeito dos fatores culturais é levado em conta. Se na tabela 6.8 as mulheres mostram um desempenho ainda superior ao dos homens em matemática e apenas ligeiramente inferior em biologia, na tabela 7.7 os resultados passam a ser marcadamente negativos para as mulheres, especialmente na área de biologia.<sup>57</sup> Isto sugere que talvez seja através de uma rotina de vida mais favorável e através de uma maior autonomia educacional que as mulheres conseguem anular uma desvantagem que, de outra forma, tenderiam a apresentar nestas áreas exatas.

Para a média das quatro disciplinas permanece o destaque dos dois fatores culturais selecionados para a explicação do desempenho nas ciências exatas (autonomia educacional expressa pela preferência por provas discursivas e o indicador de rotina desfavorável) e reaparece como significativa para o desempenho a autonomia nas relações interpessoais (obediência-discorda), que já mostrou a sua influência para o desempenho nas áreas humanísticas. Comparando os resultados da tabela 7.7 com os da tabela 6.8, observo que a inclusão dos indicadores culturais contribui muito substancialmente para a explicação do desempenho médio.<sup>58</sup> Também na média, controlando pelos fatores culturais, não há diferenças de gênero no desempenho escolar. Posso, portanto, sustentar a generalização de que é através de uma cultura de gênero favorável aos estudos que as mulheres garantem o seu melhor desempenho médio.

---

<sup>57</sup> A superioridade das mulheres é atestada pelos valores positivos do coeficiente *b*. Inversamente, o desempenho inferior das mulheres é indicado por valores negativos de *b*. Em biologia o valor de *b* para "mulher" quase chega à significância estatística.

<sup>58</sup> O *R* múltiplo para a média passa de 0,14 (tabela 6.8) para 0,39 (tabela 7.7). Ou seja, mais que dobra o poder explicativo do modelo.

## 7.6. Conclusão

Neste capítulo inicialmente defino algumas medidas de cultura e descrevo o ambiente cultural do aluno do Pedro II, com ênfase em aspectos que, de acordo com o enfoque teórico aqui adotado, deveriam refletir condições de classe e de gênero e também assumir um valor estratégico na escola, contribuindo para os resultados escolares.

A seguir, dando sequência à análise iniciada no capítulo anterior, passo a incluir a cultura no modelo explicativo do desempenho escolar. Numa primeira etapa desta fase indago se a origem social e o gênero estão relacionados ao perfil cultural do aluno. A resposta a essa indagação, obtida com a análise da tabela 7.6, é a de que, no ambiente em questão e ao nível de escolaridade focalizado, não é a origem social mas o gênero o fator exógeno relacionado à cultura: enquanto a origem social mostra-se apenas tenuamente relacionada a duas variáveis culturais, o fator gênero apresenta-se marcadamente relacionado a sete das oito variáveis culturais incluídas na análise. As mulheres demonstram mais gosto e hábito de leitura, investem mais em aulas de línguas e apresentam uma postura mais autônoma diante das relações sociais e diante do aprendizado escolar. Igualmente entre as mulheres há uma rotina de vida mais favorável ao estudo.

Como etapa final da análise dos dados observo a relevância da cultura para o desempenho na escola e o seu papel mediador na transmissão das condições de classe e de gênero. A tabela 7.7 mostra, em primeiro lugar, que os indicadores culturais contribuem marcadamente para o desempenho escolar. Esta última tabela 7.7 também permite concluir que não é através da cultura que se transmite o pequeno efeito da origem social sobre a nota de Português, anteriormente observado. A cultura, entretanto, aparece nesta tabela como um fator mediador das condições de gênero. Pelo menos parte das vantagens femininas parecem processar-se através de características adquiridas fora da escola que não se situam no terreno negativo da aquiescência à autoridade, conforme geralmente sugerido pela teoria.

Em resumo, as análises desenvolvidas neste capítulo reforçam a hipótese de que a superioridade feminina na escola reflete, ao menos parcialmente, um “capital informacional”



que é característico a esta situação de gênero. Sugerem também os dados que, no nível do segundo grau, esse “capital informacional”, significativo para o desempenho escolar, não se vincula à posição social dos alunos.